



Educação Indígena para o Estado do Tocantins

Sílvia Lúcia B. Braggio e
Wilton Divino da Silva Júnior (FL-UFG)

O presente artigo visa a informar e a esclarecer sobre as atividades de acompanhamento e apoio por mim realizadas no Projeto de Educação Indígena para o Estado do Tocantins, sob a coordenação da Professora Doutora Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio, durante a realização da 3.^a Etapa do Curso de Formação de Professores Indígenas do Tocantins, no período de 10 a 28 de julho de 2000, na cidade de Paraíso (TO), no Centro de Ensino Médio José Alves de Assis.

Contando com recursos da Secretaria de Educação e Cultura, repassados para a Coordenação de Educação Indígena do Estado do Tocantins, tornou-se viável a realização de mais essa nova etapa, que vem ocorrendo desde 1991. O projeto vem capacitando professores indígenas, principalmente quanto à prática pedagógica, e respeitando os elementos sócio-culturais de cada etnia. Também prepara exposições culturais do grupos étnicos Javaé, Xambioá, Karajá, Krahô, Apinajé e Xerente, para a sociedade envolvente (não-índio) e acompanha a elaboração e produção de material didático-pedagógico, pelos próprios indígenas preserva suas especificidades estruturais e estilísticas.

A preparação de professores indígenas orienta-se pelo modelo pluralista-intercultural, que prima pela afirmação da identidade e autonomia dos indígenas, por meio

de uma educação bilíngüe, diferenciada, específica e intercultural, valorizando os elementos lingüísticos, históricos, culturais e geográficos das variadas etnias indígenas e reconhecendo a necessidade de uma integração saudável e produtiva com a cultura da sociedade envolvente.

Opondo-se radicalmente ao mecanicismo behaviorista, o modelo pluralista-intercultural apresenta uma abordagem sociopsicolingüística dialógica, que considera a linguagem como realidade concreta – fruto da interação entre os homens e por eles modificada –, pois se insere num contexto que, histórica, social e culturalmente, sofre inúmeras transformações. Além da definição de linguagem para tal abordagem, adquirir linguagem é um processo ativo e dinâmico que parte da interação entre os falantes. Trabalhando sob essa perspectiva lingüística, faz-se necessário considerar homem e sociedade como reais e concretos; o homem é o agente que transforma a si mesmo e o meio que o circunda.

Tais conceitos e definições provêm da abordagem ou modelo adotado para orientar a prática pedagógica nas escolas indígenas, são importantes, pois eles delineiam determinadas atitudes em relação à educação indígena, tais como:

- Quanto ao material didático – São os próprios professores

indígenas que produzem livros monolíngües ou bilíngües a respeito dos aspectos culturais de sua etnia, como elementos de adorno, pinturas corporais, animais próprios da região onde vivem, festas culturais tradicionais em suas comunidades, etc. A cartilha, ou mesmo a prática em sala de aula, que reflita um currículo compartimentado, isolado e descontextualizado, nesta abordagem, é elemento que pode perturbar a “ordem natural” da aprendizagem;

- Quanto ao professor – Este é visto como mediador e não detentor único do conhecimento, pois, como professor, é ciente do processo ativo de construção do aprendizado, porque aprova o aluno e sabe partir das noções anteriores que a criança possui, permitindo que ela as amplie;
- Quanto a falhas – O “erro” é visto como parte do processo cognitivo de elaboração do conhecimento e, portanto, não é mais abominado.

Na prática pedagógica em sala de aula, o professor indígena, orientado sob essa abordagem, tem no texto “o material por excelência” considerando-se que, a partir da interação do indivíduo com o texto, é que surge a significação. O leitor identifica-se com o texto, interpreta-o, motiva-se e passa, então, gradualmente, a adquirir as estruturas e convenções da língua.

Partindo de atividades verdadeiramente significativas para os professores indígenas, é que vem desenvolvendo-se, desde 1991, nos cursos de formação promovidos pelo projeto, a produção do material didático que os próprios professores indígenas, cientes da escassez de tais materiais para suas escolas, produzem, visando desenvolver em cada professor uma prática cujo reflexo seja observado em sala de aula junto a seus educandos.

Acompanhei uma turma de 20 professores indígenas formandos durante uma semana, sob orientação da Professora Doutora Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio, que ministrou um curso de 40

horas-aula sobre os aspectos relevantes em relação à organização de monografias (estrutura, tema, conteúdo, etc.), objetivando preparar adequadamente os professores indígenas na elaboração de sua própria monografia, para a conclusão do curso, a ser apresentada em etapa seguinte do projeto. Desta atividade, resultou-se valiosa coletânea de contos, lendas e fatos do cotidiano indígena. Relato em seguida, de modo mais detalhado, esta atividade.

Propôs-se, inicialmente, que os professores se dividissem em duplas ou trios, cujos integrantes pertencessem a etnias diferentes, para que cada um selecionasse uma lenda, história ou fato típico de sua cultura e o contasse ao companheiro de outra etnia. Procurou-se, nessa primeira fase da atividade, trabalhar com o aspecto da oralidade, de modo significativo, permitindo que os professores indígenas estabelecessem relações de semelhança, ou divergência, entre as várias histórias narradas, buscando não somente a atitude de ouvintes das histórias, mas de indivíduos críticos, que trabalham oralmente com os sentidos das narrativas, discutindo as relações entre os diferentes significados suscitados.

Posteriormente a essa fase, foi proposto aos professores recontar de forma escrita, utilizando o português (segunda língua) e a história narrada pelo companheiro de outra etnia para que só, então, as duplas ou trios de professores apresentassem suas histórias escritas à toda a sala.

A produção textual dos professores indígenas foi elaborada em sua segunda língua, o

português, e, portanto, os textos, apesar de retratarem conteúdos de uma riqueza cultural inestimável,

apresentam problemas quanto a determinadas convenções e estruturas da língua portuguesa, que diferem sensivelmente da língua materna dos professores indígenas. Por isso, fez-se necessário um trabalho de correção textual, realizado por falantes nativos do português junto aos educadores indígenas. Neste trabalho, buscou-se preservar a escrita caracteristicamente indígena do português, como a utilização de expressões, notadamente, de uma fala indígena traduzida, e corrige-se acentuação, pontuação, estrutura formal do texto, pluralização e algumas concordâncias (de gênero, por exemplo).

Contando com o apoio da professora Silvia Braggio, e o meu,

na correção textual, os professores produziram as histórias que listamos abaixo:

Autor recontista	Titulo da história	Etnia
Bonfim Sizdazê Xerente	O macaco, tracajá e a onça	Karajá
Cassiano Sotero Apinajé	A caçada de mel com o pai recém-nascido	Karajá
Maria Célia Dias de Souza Apinajé	O projeto das tartaruguinhas do povo Karajá	Karajá
Augusto Curarrá Karajá	Como surgiu o cachorro	Xerente
José Hani Karajá	O menino encantado	Apinajé
Ismael Kuhanama Karajá	O vaqueiro perdido	Xerente
Cláudio da Silva Xerente	Pescaria de tartaruga	Karajá
Eva Lima Karajá	História do Tamanduá	Xerente
Fernando Hadori Karajá	História do homem Xerente	Xerente
Dodanin Krahô	História sobre a vida Karajá dentro da sua comunidade	Karajá
Jurandir Mabulewe Karajá	O casamento do povo Apinajé	Apinajé
Woubedu Karajá	O sapo e o mateiro	Krahô
Wadoi Karajá	As crianças Apinajé que se transformaram em garças	Apinajé
Sinvaldo Karajá	O menino encantado	Apinajé
Rosalina Sibakadi M. Xerente	História de mitos Karajá	Karajá
Edite Smikidi Xerente	História do Wôu	Karajá
Manoel Sinorê M. Xerente	A história de menino e onça	Karajá
Ijyrraru Karajá	A lenda do caititu	Xerente
Luiz Kurikalá	A avó e o neto (a lenda do tamanduá)	Xerente
Roberto da Mata Apinajé	A vida na aldeia de Santa Isabel do Morro	Karajá

Num terceiro momento, apresentou-se aos professores, esquematicamente, para facilitar-lhes a compreensão, uma estrutura simplificada de uma

monografia, para servir-lhes de modelo, conforme se vê abaixo:

I – Apresentação

Com o que trabalhei?
Onde foi realizado o trabalho?
Quando foi realizado o trabalho?
Como foi realizado?
Por que foi realizado?

II – Descrição

Transcrição da história ou fato cultural e estudo de sua influência na comunidade indígena.

III – Conclusão

Os professores indígenas trabalharam na produção de um modelo de monografia, cujo tema foram os mitos e lendas dos povos indígenas do Estado do Tocantins. Selecionei alguns dos textos elaborados pelos professores indígenas para ilustrar cada uma das três etapas do modelo acima apresentado.

apresentação

“Neste curso de formação dos professores indígenas, trabalhei com os professores Karajás sobre a história do Wòu.

O meu trabalho foi realizado no Centro de Ensino Médio José Alves de Assis, na cidade de Paraíso – TO, no dia 25 de julho de 2000.

O grupo Karajá contava suas histórias. Eu as ouvia e, logo em seguida, registrava-as por escrito.

O meu objetivo de trabalhar com esse tipo de pesquisa foi aprofundar a minha aprendizagem sobre a monografia. Também conhecer um pouco da cultura

Karajá.” (Edite Smikidi, professora Xerente, TO)

descrição e análise dos dados

- Festa Karajá (narrada por uma Xerente)

História de Wòu

“Wòu é alma dos tapirapés.

Pela manhã, os velhos e os homens novos vão para o mato. Lá, eles tiram todo o material e, ali, fazem os seus vestuários da festa.

Ainda pela manhã, depois de tudo pronto, vestem-se e voltam à aldeia para se apresentar e conhecer os seus donos (mulheres).

Depois de se apresentarem, voltam ao mato, para retornar à tarde.

No momento em que os homens estiverem no mato, nenhuma mulher pode ir. Se uma das mulheres teimar e ir, esta será maltratada pelos homens.

À tarde, voltam e chegam de um por um, gritando, formando uma fila e dando as costas para as pessoas que estão assistindo.

Aí, começam a gritar ûû...

Quando terminam de gritar, correm e pegam a comida e saem correndo com a comida para o mato comer.

Também quem quiser acompanhar eles, para o mato, comer pode. Só quem não pode acompanhar são as mulheres.

Lá no mato, todos juntam a comida e só servem depois que eles falarem que já podem servir.” (Edite Smikidi, professora Xerente, TO)

- Lenda Xerente (narrada por uma Karajá)

História de Tamanduá

“Neste trabalho, apresentei a história do povo Xerente.

Antigamente, na aldeia Porteira, tinha uma velha que cuidava dos seus netos.

Eles ajudavam a avó nos serviços de casa.

Um dia, a avó chamou os netos para irem com ela pegar lenha no mato.

Eles foram, e chegando lá, a velha viu cupim, chegou perto, quebrou e começou a comer os bichinhos do cupim.

Os meninos ficaram assustados, vendo a avó comer cupim e perguntaram o que era aquilo.

Ela não respondia, porque não falava mais. Já estava se transformando em tamanduá e indo embora para a mata. Eles voltaram pra aldeia e contaram o que aconteceu com sua avó. Para o povo Xerente não existia tamanduá antes. Só depois que a velha virou tamanduá é que apareceu esse bicho.

Eles falam que é por isso que o tamanduá não tem dente, porque foi virado de velha.

Eu gostei da história, porque achei bonita e interessante.



Acho que essas histórias precisam ser registradas, para serem contadas de geração para geração. Assim, elas nunca serão esquecidas." (Eva Lima, professora Karajá, TO)

conclusão

Selecionei trechos das conclusões monográficas de cinco professores indígenas, buscando ilustrar alguns importantes aspectos observados pelos próprios educadores, sobre a relevância da tarefa de capacitação de professores indígenas para a educação escolar indígena.

- Valorização da pesquisa e documentação cultural

"Achei interessante aprender a pesquisar. Através da pesquisa, a gente descobre o segredo da vida dos povos indígenas.

Fazer uma monografia é registrar e guardar histórias e lendas de um povo." (Augusto Curarrá, professor Karajá, TO)

- Valorização da narrativa como elemento de fortalecimento e preservação cultural

"A história é muito importante para nós, através dela a gente conhece outros conhecimentos, acontecimentos dos nossos parentes." (Woubedu, professor Karajá, TO)

- Reconhecimento do papel do professor indígena quanto aos aspectos administrativos e pedagógicos que envolvem a educação escolar indígena no Estado do Tocantins

"Esse objetivo é construir um currículo diferenciado para nossas escolas, com nossas próprias reflexões e informações.

Esperamos que este conteúdo que foi exigido possa voltar para nossas escolas e que também possa contribuir com outras escolas [...]" (Jurandir Mabulewe, professor Karajá, TO)

"É importante começar a pesquisar junto com nosso povo mais antigo, resgatar a história e de antigamente de hoje e fazer livros para a escola." (Rosalina Sibakadi M., professora Xerente, TO)

"Quando nós aprendemos algumas coisas no curso, retransmite para nossas crianças." (Wadoi, professor Karajá, TO)

Escreve o professor Karajá Jurandir Mabulewe: "Pela primeira vez, nós Karajá, tivemos esse espaço para contar sobre nossa aldeia."

Oportunizar para mais de 150 professores indígenas capacitação sólida e adequada, orientada sob as perspectivas lingüísticas e pedagógicas dos mais recentes e modernos estudos realizados, é, verdadeiramente, apoiar e valorizar a cultura indígena.

A sociedade envolvente (do não-índio) deve organizar-se, buscando contribuir para a autonomia sociocultural e econômica dos povos indígenas, através de um trabalho educacional sério e consciente, assim como tem realizado há nove anos o Projeto de Educação Indígena para o Estado do Tocantins.

Finalizamos este sucinto artigo sobre algumas das atividades que acompanhei, desenvolvidas na 3.^a



etapa do Projeto de Educação Indígena, com as palavras do professor Apinajé (TO) Cassiano Sotero:

"Hoje, eu amanheci com muita disposição para assistir ao curso. Nele, vimos a escrita em árabe, ou seja, o alfabeto árabe. Ele realmente me impressionou, porque é dos outros. Além disso, vimos também a escrita chinesa, que é muito diferente. Daí, eu senti que o mundo é grande e que existem muitas línguas neste mundo."

Essas palavras retratam a busca pelo próprio aperfeiçoamento pedagógico com o intuito de melhorar a vida das sociedades indígenas. Pudemos observar que este era um sentimento comum a todos os professores indígenas com quem convivemos durante uma semana. A eles nossos agradecimentos pelos exemplos e experiências inestimáveis. X

referências bibliográficas

BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal. Sociedades indígenas: a escrita alfabética e o grafismo. In: *Contribuições da Lingüística para o ensino de línguas*, p. 139-190. Goiânia: Ed. UFG, 1999.

_____. *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolingüística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

POLECK, Lydia (Org.). *Adornos e pintura corporal Karajá*. Goiânia: MEC/FUNAI/UFG, 1998.

Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Ministério da Educação e do Desporto/SEF – Brasília: MEC / SEF, 1998.

